

# *Escudo de Valência*

## *Escudo de ouro valenciano, inédito, muito singular e provavelmente de Felipe I (II)\**

**J. A. Godinho Miranda**

Investigador Numismático. Membro da SCEN

**J. Saez Salgado**

Presidente Numisma Leilões, S.A.

**M. Crusafont i Sabater**

Doutor em História. Presidente da SCEN

Ao proceder ao estudo da Coleção de Moeda Espanhola que integra o Museu Numismático Português na Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa, encontramos uma peça que descrevemos e cujas imagens de anverso e reverso são incluídas também na lâmina.

É a primeira vez que é descrito um escudo valenciano, moeda que neste reino recebia o nome de coroa, em nome dos reis chamados Felipe da dinastia Áustria. No entanto iremos ver que não é atribuível ao rei Felipe V de Castela. Outra singularidade da peça é a cruz equilateral ou de São Jorge que preside o anverso, pois todas as moedas conhecidas até agora dos reis com nome Felipe ostentam, em todos os ateliers, a cruz potentada.

Por outro lado, o anverso com a sua cruz equilateral e os quatro anéis é muito semelhante ao cruzado de ouro português da época de D. João III de Portugal, como é visível comparando com o tipo 149 do catálogo de Gomes<sup>1</sup>. Realmente, se tiramos as orlas, o anverso torna-se totalmente português. Também são singulares os florões do interior do quadrilobulado do anverso, formado por um anel central rodeado de pontos, quando o habitual é que sejam trevos mais ou menos bem desenhados ou, em algum caso de Carlos I, grupos de três pontos.

---

\* Artigo originariamente publicado em *Numisma, S.A. Leilões*, separatas 2009-2016, pp. 7-9.

<sup>1</sup> GOMES, A. *Moedas portuguesas*, terceira edição, Lisboa, 2001.

Apesar destas singularidades, a imagem e a legenda do anverso não permitem pensar outra coisa que não seja a cunhagem valenciana, mas existe a incógnita de umas estampas do anverso completamente singulares, para as quais não temos, para já, nenhuma explicação.

Fica por analisar a questão da sua atribuição de algum dos reis com o nome Felipe. É preciso fazer destaque ao rei Felipe IV (V de Castela) porque na sua época a moeda mudou de tipologia e costuma levar ordinal e data. Neste sentido, é preciso assinalar que o escudo pretendido, atribuído por Mateu y Llopis ao rei Felipe II (IV), num. 306<sup>2</sup>, é realmente de Felipe IV (V), pois o ordinal figurado na forma IIII refere-se àquele que corresponde ao rei Felipe V de Castela, em Valência.

Destas peças, conhecem-se hoje exemplares que tem a data de 1700 e tem as L-L franqueando as armas do verso como nos escudos de Carlos II. Comparar os tipos 4922 de Carlos II e 4984 de Felipe IV (V), em Crusafont<sup>3</sup>. Fica descartada a atribuição da peça ao último dos reis com o nome Felipe. É preciso deixar fora também o rei Felipe I de Castela, pois Valência esteve naquele tempo sob a soberania de Fernando o Católico.

Ficam portanto os reis de nome Felipe segundo, terceiro e quarto, respetivamente primeiro, segundo e terceiro em Valência, e assim verificamos que a questão dos ordinais próprios do reino não é um assunto menor. De acordo com Mateu y Llopis, estes três reis realizaram moedas em ouro, mas só se conhecem peças de quatro escudos que este autor atribui ao rei Felipe I (II).

A atribuição de Mateu é, no entanto, duvidosa, porque apesar de fornecer constância documental dos tempos de Felipe III (IV) da cunhagem em Valência de coroas de ouro “em quádruplas e dobras”, quer dizer, em coroas duplas e quádruplas, não fornece nenhum dado documental, unicamente as suas afirmações, sobre a cunhagem de múltiplos com Felipe I (II).

Os seus dados, por outro lado, são extremamente confusos, porque afirma que se realizaram em Valência, e neste reinado, coroas de 20 quilates, de 22 e 24<sup>4</sup>, algo aparentemente impossível, pois a Lei de 24 era a dos ducados e, inclusive porque o mesmo autor dá a taxa fixa das coroas. É possível pensar que as coroas foram cunhadas, como sempre, com 22 quilates e talvez de forma fraudulenta com 20, mas com 24 não parece aceitável.

Tudo isto leva a pensar que é necessária, mais uma vez, uma revisão dos documentos consultados. De qualquer maneira, os múltiplos de escudo até agora

---

<sup>2</sup> MATEU Y LLOPIS, F., *La ceca de Valencia*, 1929, p. 140.

<sup>3</sup> CRUSAFONT, M. *Catàleg general de la moneda catalana*, Barcelona, 2009, pp. 806 e 821

<sup>4</sup> *La ceca... op. cit.*, p. 123.

conhecidos, todos em quatro coroas, ou pelo menos alguns deles, poderiam corresponder ao reinado de Felipe III (IV).

Naquilo que se refere à nossa coroa, de acordo com os dados documentais poderia ser de qualquer um dos três reis de nome Felipe. Não ajudam, neste caso, nem as marcas, das quais carece, nem a forma de escrever o nome do rei, porque em prata escreve-se igual e sempre na forma PHILIPPVS nos três reinados. Relembremos que, em contrapartida, em Maiorca, em tempos de Felipe I (II) costuma aparecer a forma FILIPVS.

Só o estilo ou pormenores do desenho podem fornecer-nos dados neste momento. É preciso destacar que existe semelhança com os escudos de Carlos I, como já assinalamos no caso dos trevos do anverso. Portanto, poderíamos pensar numa coroa do tempo de Felipe I. Se os quádruplos fossem de Felipe III (IV), seria mais lógico que tivessem a cruz normal, potentada, pois seria incongruente que com Felipe I se tivessem cunhado as coroas com cruz equilateral e os múltiplos com cruz potentada.

A novidade da peça é o elemento mais valioso, mas as suas singularidades precisam de uma explicação que, neste momento, não parece possível.